

NESTE NÚMERO

OS DEZ DESTAQUES CULTURAIS.....	1
A BIBLIOTECA PÚBLICA EM 72.....	2
NOVO PRESIDENTE DO CONSELHO FEDERAL DE CULTURA.....	3
LANÇAMENTO DE "O HOMEM DA MADRUGADA".....	4
MASC TEM PROGRAMA ATÉ MARÇO.....	4
MUSEU DA FALA E DA ESCRITA PEDE CONTRIBUIÇÃO.....	4
O MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SAMBAQUI DE JOINVILLE.....	5
MORREU PRECURSOR DAS FEIRAS DE CIÊNCIAS.....	6
CONHECIDOS OS VENCEDORES DO I CONCURSO INTEGRAÇÃO DE CONTOS.....	7
SEBASTIÃO VIEIRA FERNANDES.....	8
JERONIMO COELHO.....	11

Notícias culturais - notícias culturais - notícias

editado pelo departamento de cultura da secretaria do governo do estado de santa catarina

OS DEZ DESTAQUES CULTURAIS DE 1972

Desde 1970 que o número de janeiro de "Notícias Culturais" apresenta os eventos que, no ano anterior, contribuíram para o desenvolvimento cultural do nosso Estado. A seleção destes fatos é feita por toda a equipe do Departamento de Cultura através de uma pesquisa que atinge a todos os setores de manifestação cultural em Santa Catarina. É uma forma de reconhecimento àqueles agentes, quer sendo individuais ou instituições públicas ou privadas, que tenham contribuído para a projeção de Santa Catarina no campo da cultura.

Dentro deste critério os DEZ DESTAQUES CULTURAIS de 1972 selecionados são os seguintes:

- Comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil criando ambiente propício às manifestações artísticas e à pesquisa histórica. Exposição "Integração Artística Catarinense" realizada na Assembléia Legislativa. Reverência aos restos mortais de D. Pedro I - Concurso sesquicentenário promovido pela UFSC. Prêmio Independência, estudo e pesquisa histórica instituído pelo Departamento de Cultura da Secretaria do Governo.
- Participação de Santa Catarina no I Encontro Nacional de Poetas, realizado em Fortaleza, através do poeta Londolf Bell e no Encontro das Academias de Letras do Brasil, em Goiânia, através do escritor Theobaldo da Costa Jamundá, com distribuição de 180 obras de autores catarinenses aos participantes.
- Concessão do 1º Prêmio do VI Concurso Internacional de Pintura Infantil, realizado no Japão, à catarinense Simone Marçal Alves, de 9 anos.
- Visita ao estado de Santa Catarina, para realização de conferências de nomes de expressão na cultura brasileira de

renome internacional: Artur Cezar Ferreira Reis(Presidente do Conselho Federal de Cultura); Gilberto Freyre(sociólogo); José Honório Rodrigues (historiador); Dante Laytano (escritor) .

- Aparecimento da obra de Oswaldo Rodrigues Cabral(4 volumes) "Nossa Senhora do Desterro".

- Exposição de artistas plásticos catarinenses pela primeira vez percorrendo quatro importantes municípios do Oeste do Estado, graças convênio entre o Departamento de Cultura e a Fundação Universitária do Oeste.

- Concessão do "Prêmio Jabuti"da Câmara Brasileira do Livro pela primeira vez às letras catarinenses na pessoa do escritor Holdemar de Menezes, pelo seu livro de contos "A Coleira de Peggy".

-Iniciativa, pioneira de município Catarinense, tomada pela Prefeitura de Joinville com a construção da Casa de Cultura, órgão centralizador da Escola de Artes, de Música, Pinacoteca, Salão de Exposição, Cinema e Teatro.

- Realização do I Salão de Artes Plásticas da Ilha de Santa Catarina, aberto a artistas de todo o País, promovido pelo Clube 12 de Agosto com a distribuição de 33 mil cruzeiros de prêmios.

- Realização dos concursos literários "I Concurso Integração de Poesia" e "I Concurso Integração de Contos", por iniciativa do "Jornal de Santa Catarina".

A BIBLIOTECA PÚBLICA EM 72

Apresentando uma frequência de 38.568 consultantes em 1972 a Biblioteca Pública do Estado favoreceu a 54.233 consulentes, em livros e jornais de seu acervo.

No ano passado foram emprestados 7.136 obras numa procura de mais de 2 mil livros mais que no ano anterior. Ainda em 72, a Biblioteca aumentou o seu patrimonio em mais 496 obras adquiridas por compra e doações. O serviço de encadernação,daquela casa realizou 746 encadernações e recuperações.

O referido Museu pretende reunir livros de todos os autores nacionais. Catalogados os escritores, o Museu da Fala e da Escrita expedirá fitas magnéticas para a gravação da voz do escritor que ficará naquela instituição.

Os autores interessados poderão remeter suas publicações diretamente para o Museu da Fala e da Escrita - Rua Uberaba, 66 - Carnerinhos - João Monlevade, MG.

NOVO PRESIDENTE DO CONSELHO

FEDERAL DE CULTURA

No dia 22 do corrente assumiu a presidência do Conselho Federal de Cultura o prof. Raimundo Munis de Aragão. Foi eleito pelos conselheiros para substituir o prof. Artur Cezar Ferreira dos Reis, que por quatro anos presidiu aquele colegiado. O prof. Munis de Aragão que já fez parte do CFC quando da criação do órgão, adiantou em seu discurso de posse, que até o próximo mês de março deverão estar formuladas as diretrizes para a elaboração do Plano Nacional de Cultura.

A solenidade de posse foi presidida pelo Ministro Jarbas Passarinho, da Educação e Cultura.

No seu discurso de despedida o prof. Artur Reis acusou a burocracia pela não implantação do Plano Nacional de Cultura, frisando: "Uma burocracia incapaz de compreender a importância de Cultura e que tem dificultado a implantação do plano, numa evidente prova de má vontade e de total ausência da consciência do dever".

Para o novo presidente do CFC "a persistir a miopia de fazer a educação caudatária de um processo científico-tecnológico autônomo, o que se pode esperar e o que já se anteve: o homem desarvorado, poderoso, infeliz, perdido entre as suas maravilhosas criações!"

Em breve pronunciamento o Ministro da Educação assinalou "que, perfeitamente consciente das extremas dificuldades que nos esperam para a dinamização da cultura brasileira, não desfaleceremos. Juntos, para cumprir a fascinante tarefa que nos incumbe o presidente Medici, rogo-vos que encetemos a caminhada com fé, até porque nada se constatou de significativo, neste mundo, que não começasse pela fé".

LANÇAMENTO DE "O HOMEM DA MADRUGADA"

Patrocinado, com destaque, pela presidência da Assembléia Legislativa, A. Sanford Vasconcellos lançou no dia 27.XII.1972, o seu livro "O Homem da Madrugada", impresso nas oficinas da Imprensa Universitária da U.F.S.C.

O acontecimento, além de concorrido foi muito valorizado também, pela reabertura da Biblioteca do Palácio Barriga-Verde, que se deu momentos antes. Foi orador oficial da solenidade de inauguração, o escritor Nereu Corrêa, da Academia Catarinense de Letras.

Fez apresentação do autor e do livro o deputado Henrique Córdova, e durante a sua fala destacou, que o livro de A. Sanford Vasconcellos, "O HOMEM DA MADRUGADA", sobretudo é mais um volume de autor catarinense para a significação do crescimento da es tante das nossas letras.

MASC TEM PROGRAMA ATÉ MARÇO

O Museu de Arte de Santa Catarina anunciou o programa de ex posições até março vindouro. Até meados de fevereiro o MASC estará mostrando parte do seu acervo, com peças de artistas catarinenses e nacionais.

Na segunda quinzena do próximo mês será realizada exposição de pintura reunindo quadros de Luiz Si, de Florianópolis; Odil Can pos, de Joinville e Alberto Luz, de Blumenau.

Para março o museu tem programado uma mostra de gravuras fi landesas, que virão a Santa Catarina, dentro do convênio que o MASC mantém com o Museu de Arte Contemporânea, de São Paulo.

MUSEU DA FALA E DA ESCRITA PEDE

CONTRIBUIÇÃO

O Departamento de Cultura, recebeu o Museu da Fala e da Es crita, da Faculdade de Educação, da cidade mineira de João Monleva de, um pedido para o envio de publicações de escritores catarinenses para o seu acervo.

O MUSEU ARQUEOLÓGICO DE SAMBAQUI DE JOINVILLE

Aberto desde outubro do ano passado, o Museu Arqueológico de Sambaqui teve sua origem na compra, pela Prefeitura Municipal do acervo arqueológico pertencente ao Sr. Guilherme Tiburtius, cuja aquisição foi autorizada pela Lei nº 620 de 09 de julho de 1963. Pela Lei nº 637 de 09 de novembro de 1963, ficava o Chefe do Executivo Municipal autorizado a reservar área para uma praça pública com finalidade de edificar o prédio para abrigar a coleção.

O projeto da edificação é de autoria do arquiteto SABINO BARROSO (da equipe de Oscar Niemeyer) e contou com a colaboração do museólogo Dr. Alfredo Teodoro Rusins, ambos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional -IPHAN.

A criação oficial do Museu de Sambaqui deu-se através da Lei Municipal nº 042 de 22 de dezembro de 1969. Foi ainda nesse ano que iniciou-se a construção da 1ª ala, em convênio com o Ministério da Educação e Cultura. A 2ª ala foi edificada mediante novo convênio com o Ministério da Educação e Cultura. Na instalação e equipagem do Museu pôde também a Prefeitura Municipal de Joinville contar com o auxílio financeiro do MEC. Para a montagem e disposição do acervo do Museu, a Prefeitura contou ainda com a colaboração do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico, que permitiu a vinda do museólogo Dr. Alfredo Teodoro Rusins, a quem se deve toda orientação técnico-científica da montagem do Museu.

Acervo

O acervo inicial compunha-se de nove mil peças da "Coleção Guilherme Tiburtius", vendida à Municipalidade e de diversas obras peças. Posteriormente foi enriquecido com mais 1112 (um mil cento e doze) unidades arqueológicas provenientes de escavações realizadas no ano de 1970, no Sambaqui de Rio Comprido sob a orientação do Prof. Walter Fernando Piazza, com participação de alunos do curso de História, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Joinville. O acervo bibliográfico atualmente ultrapassa o número de trezentos volumes, versando sobre arqueologia pré-histórica

e antropologia.

Museu

O edifício conta com tres salas de exposição, auditório, biblioteca, gabinete da administração, secretaria, depósito, laboratório, quatro levabos e apartamento para a zeladoria do prédio.

Exposições

O Museu Arqueológico de Sambaqui, conta com duas salas de exposições à vãsitação pública. A primeira sala oferece idéia clara de escavações modernas, exibindo peças arqueológicas coletadas e fotos do Sambaqui de Rio Comprido, situado no Conjunto Residencial Tupy, perímetro urbano, de fácil acesso aos visitantes. Na sala maior, reservada à exposição permanente, é apresentada a "Coleção Tiburtius", com seis vitrinas numa apresentação com excelente sentido didático, refletindo hábitos e costumes: alimentação, instrumentos de trabalho, vaidade, inventividade e costumes funerários do homem do Sambaqui. Duas vitrinas de centro mostram a criatividade artística do homem pré-histórico, através das esculturas conhecidas como 'zoólitos' (pedras zoomorfas).

MORREU PRECURSOR DAS FEIRAS DE CIÊNCIAS

Prematuramente, Santa Catarina perdeu uma de suas mais esperanças vocações de mestre e pesquisador nas ciências físicas e biológicas. O desaparecimento do prof. Lothar Krieck, nos primeiros dias deste ano, foi lamentável ocorrência que enlutou nosso meio intelectual.

Dedicado ao magistério e à pesquisa científica, desde 1969 que o prof. Krieck representava em Santa Catarina a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Foi o precursor das Feiras de Ciências, realizando este certame em nível estadual, por duas vezes em 1970 e em 1971, com grande sucesso.

Catedrático de Ciências Físicas e Biológicas, do Colégio Pedro II de Blumenau, lecionava em diversas outras escolas daquela cidade.

Publicou diversas obras entre as quais: "Iniciação a Ciências" de alto cunho didático.

Natural de Rio do Sul, o prof. Lothar Krieck faleceu em Blumenau aos 36 anos de idade.

CONHECIDOS OS VENCEDORES DO
I CONCURSO INTEGRAÇÃO DE CONTOS

O I Concurso Integração de Contos, promovido pelo "Jornal de Santa Catarina", teve como vencedores Raul Caldas Filho, Os - nard Andrade e Emanuel Mediros Vieira, que tiveram seus trabalhos classificados em, primeiro, segundo e terceiro lugar, respectiva - mente.

A comissão julgadora indicada pela Academia Catarinense de Letras, esteve integrada pelos acadêmicos Celestino Sachet , Theobaldo Costa Jamundá e Holdenar O. de Menezes.

Os prêmios atribuídos foram de: 3.000 cruzeiros, para o 1º lugar; 1.500 para o 2º e 500 cruzeiros para o terceiro.

Os Vencedores

O trabalho que mereceu o 1º lugar, intitula-se "O Visi - tante". O autor, Raul Caldas Filho, é jornalista militante, atual - mente no serviço de imprensa do Govêrno do Estado e possui vários contos e crônicas publicadas.

Osnard Andrade, médico radicado em Florianópolis, recebeu o 2º prêmio com o conto "Vida, Glória, Paixão, Heroísmo e Morte - do Valoroso Estudante Maranhense José Ribamar Pacheco da Costa".

Emanuel Mediros Vieira, obteve o terceiro lugar com "O Caçador". Contista já conhecido, recentemente lançou o livro "Expição de Jeruza".

SECRETARIO DO GOVÊRNO - Orlando Bertoli / Diretor do Departamento de Cultura - Carlos Humberto Corrêa / Divisão de Ciências - Jali Meirinho / Divisão de Letras - Theobaldo Costa Jamundá / Divisão de Artes

NOTÍCIAS CULTURAIS: Boletim editado pelo Serviço de Comunicação da DIVISÃO DE CIÊNCIAS.

- A reprodução da matéria aqui publicada é livre, desde que men - cionada a fonte.
- Agradecemos a permuta.
- Endereço para correspondência - NOTÍCIAS CULTURAIS-DEPARTAMENTO DE CULTURA - R. Felipe Schmidt, 25- 7º andar - Florianópolis-SC.

47

SEBASTIÃO FERNANDES

Pintor, discípulo de Vitor Meireles, é um nome catarinense de projeção no cenário nacional das artes plásticas.

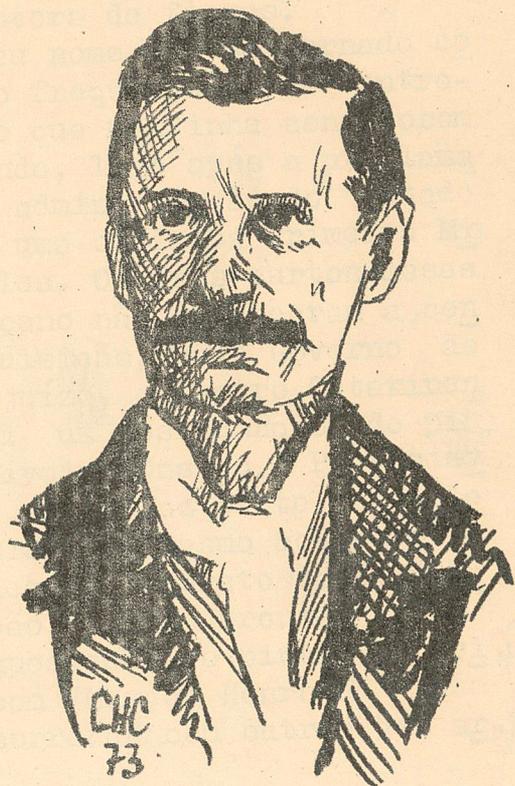
Sebastião Vieira Fernandes nasceu, na cidade de Nossa Senhora do Desterro, aos 19 de janeiro de 1866. Filho do casal Manoel Vieira Fernandes e Margarida Lopes Vieira Fernandes, desde cedo revelou sua propensão artística. Seu pai, dono de uma mercearia, encaminhou-o para a escola pública e logo foi estimulado a frequentar o curso noturno

de desenho criado por Manoel Francisco de Oliveira. Este mestre, conhecido por Maneca Margarida, ensinava desenho geométrico, de paisagens e retratos, aos jovens desterrenses, na escolinha de arte, mantida na sua residência, à rua do Príncipe, atual Conselheiro Mafra.

Após os primeiros estudos na Capital da Província e tendo perdido o pai, Sebastião foi levado, pela irmã e o cunhado Manoel Segadas Viana, para o Rio de Janeiro. Matriculado no Liceu de Artes e Ofícios aperfeiçoou o seu talento. Concluído o curso no Liceu ingressou na Academia Imperial de Belas Artes onde recebeu aulas do seu conterrâneo Vitor Meireles, já então uma glória nacional.

Data de 1885 a sua primeira laurea, a "Medalha de Ouro", na aula de modelo vivo. No ano seguinte, Sebastião Vieira Fernandes, recebeu "Menção Honrosa" de 1º grau, na aula de desenho e a "Medalha de Prata", na Exposição Industrial Fluminense, conferida pela Sociedade Propagadora das Belas Artes. Dois anos depois ganhou a "medalha de Prata", do Salão Nacional de Belas Artes.

Em 1889 obteve o seu maior laurel. Foi o prêmio "Imperatriz do Brasil", de viagem, estudos e pensão na Europa, instituído pela família Imperial. Entretanto, não pôde usufruí-lo porque, naquele ano, sobreveio a queda da Monarquia. A transição política o prejudicaria duplamente. Logo depois, afastou-se da Academia de Belas Artes, por discordar da orientação imposta pelo novo diretor da instituição Rodolfo Bernardelli. Nesta época já era regente das cadeiras de Desenho e Pintura, do Liceu de Artes e Ofícios e lecionava em colégios



particulares. Também, abriu um "atelier" à rua dos Inválidos. Ali passou a contar com a colaboração da que seria sua dedicada com-panheira por longos anos, a sra. Rubio, a quem ensinou o uso do pincel e a viu tornar-se uma perfeita pintora de flores.

Exímio retratista, copista fiel, seu nome foi se tornando conhecido em todo o Rio de Janeiro. Assíduo frequentador do Centro-Catarinense, era através desta agremiação que mantinha contato com as pessoas e as coisas de sua terra. Quando, logo após a proclamação da República, Lauro Müller assumiu a administração do Estado de Santa Catarina, encomendou ao artista uma cópia da "Primeira Missa no Brasil", obra prima de Vitor Meireles. Os tres curtos meses da gestão do primeiro governador republicano não alcançaram a conclusão do quadro e não permitiram sua aquisição, pelo Governo do Estado. Para que o autor não tivesse prejuízo, o Centro Catarinense promoveu uma rifa. O prêmio ficou com um dos cunhados do pintor, o Comendador Gonçalo Torquato de Oliveira Castro. Posteriormente, esta obra chegaria ao seu destino. Hoje faz parte da coleção do Palácio do Governo de Santa Catarina. No mesmo acervo figuram mais duas obras de Sebastião Fernandes. Um retrato do Governador Felipe Schmidt e o quadro "A Meditação de São Jeronimo".

Após um período de ausencia das exposições, o pintor catarinense voltou a ser agraciado, em 1901, com "Menção Honrosa" pela sua participação no Salão Nacional, concorrendo com outros 54 artistas num total de 231 trabalhos.

Fiel à escola de Vitor Meireles e Pedro Américo, respeitado por outro seu grande mestre, Zeferino Costa, foi, por este, convidado para trabalhar na restauração das decorações da igreja da Candelaria. Iniciado o serviço seu velho professor foi acometido de reumatismo nas mãos, ficando o aluno com a responsabilidade da conclusão da obra. Neste trabalho, terminado em 1913, coube a Sebastião Vieira Fernandes criar um dos painéis que, ornando a entrada do templo, representa o drama do navio ameaçado por uma tempestade, fato que levou os tripulantes salvos, ao cumprimento da promessa de erguer uma igreja tendo Nossa Senhora da Candelaria como padroeira. Se no concenso geral a decoração da Candelaria une o nome de João Zeferino da Costa às fulgurações artísticas de uma época, não deve ser pequeno o valor de Sebastião Fernandes que realizou mais da metade daquela tarefa e criou parte dela.

Em 1918 Sebastião Vieira Fernandes voltou à Escola de Belas Artes, sendo nomeado restaurador. Nesta atividade, realizou um trabalho importante, na recuperação de obras raras, abandonadas nos porões daquela casa. Coube a ele, em 1930, recuperar para o Museu Nacional o quadro de Vitor Meireles "A Batalha de Riachuelo", que se achava esquecido no Museu Naval.

Aos 68 anos, em 1934, foi aposentado pela Escola Nacional de Belas Artes, mas não abandonou o estúdio da rua dos Inválidos. Vivendo para a arte deixou obra numerosa. Perdida a oportunidade de aperfeiçoar-se na Europa, nunca saiu do Rio de Janeiro. Jamais expôs individualmente e só participou de salões oficiais.

Um registro na imprensa de Lisboa, datado de 1902, atribuiu a Sebastião a grande perícia de copista. O jornal "Mala da Europa

cometeu a indiscrição de afirmar que "andam por aí quadros de notáveis pintores flamengos, italianos, espanhóis e portugueses que, em verdade outra coisa não são senão reproduções saídas do "atelier" do pintor brasileiro".

O biógrafo Henrique Boiteux na monografia, que escreveu em 1944, "Santa Catarina nas Belas Artes" relacionou mais de 30 trabalhos de Sebastião Fernandes que, após paciente pesquisa, conseguiu localizar. Além das tres obras citadas, que estão no Palácio do Govêrno, em Florianópolis e um retrato da Conselheiro Mafra de propriedade do Clube 12 de Agosto, todas as demais foram encontradas no Rio de Janeiro. No Museu Nacional de Belas Artes estão os originais premiados em concursos: "Flagelação de Cristo", "Traição de Judas" e "Jeremias contemplando as ruínas de Jerusalem". No Centro Catarinense figuram os retratos de Anita Garibaldi, Lauro Muller e José Pinto da Luz. Nas casas das irmãs do pintor estão espalhados inumeros retratos de familiares e várias telas, inclusive, uma cópia reduzida da celebre "Batalha de Guararapes", de Vitor Meireles. No teto do salão principal da residência de seu cunhado Oliveira Castro, em espaço de cinco por tres metros, o artista pintou uma glorificação da arte nacional. Trata-se do "Auditório Romano", simbolizando o julgamento de expoentes da cultura nacional. Ali aparecem retratados, entre outros, Carlos Gones, Vitor Meireles, João Caetano e Gonçalves Dias. Na igreja de São José, estão os retratos de Cardeal D. Sebastião Leme e do Conego Benedito Marinho. Ao museu de Artes e Ofícios o artista legou um retrato da Sra. Rubio, com quem conviveu.

Com raízes plantadas no século XIX Sebastião Vieira Fernandes viveu, mas não envolveu-se na atmosfera de transição, no século XX. Assistiu a mudança do regime que de monárquico, passou a republicano. Este e acontecimentos subsequentes repercutiram no ambiente cultural e artístico. Artista e só artista, vivendo na Capital Federal respirou o movimento modernista de 22. Talvez pudesse, mas não adaptou-se ao gosto das novas gerações.

Personagem da história das artes plásticas no Brasil, seu nome figura em "Um século de Pintura", de Laudelino Freire. É citado por José Maria dos Reis Junior em "A Pintura no Brasil" e, por Teodoro Braga, no seu "Artistas Pintores do Brasil". Aparece, como verbete, no "Dicionário de Artes Plásticas no Brasil", organizado por Roberto Pontual.

Sebastião Vieira Fernandes faleceu a 29 de março de 1943 na Casa de Saude São Jorge, no Rio. Quase octogenário, morreu esquecido. Ao seu funeral, nem mesmo compareceram representantes do Liceu ou da Escola de Belas Artes. Expressão nacional na pintura, dono de um grande acervo artístico, em Santa Catarina é um desconhecido. Até nos círculos considerados de elevada cultura seu nome continua ignorado. (JM)

48

JERÔNIMO COELHO

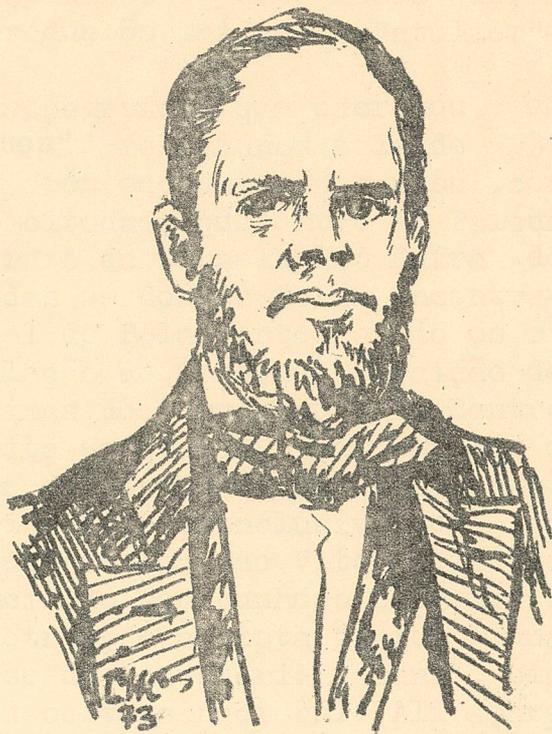
O fundador da imprensa em Santa Catarina nasceu, na Laguna, a 30 de setembro de 1806. Engenheiro militar, jornalista e político, foi a inteligência catarinense mais lúcida de seu tempo, no dizer unânime dos nossos historiadores.

Jeronimo Francisco Coelho era filho do Sargento-Mor Antonio Francisco Coelho e de Francisca Lina do Espírito Santo Coelho, ambos lagunenses. Aos 9 anos, beneficiando-se dos regulamentos da época foi incorporado à Companhia de Artilharia, no Rio de Janeiro, como Cadete. Órfão de pai em 1815, ficou sob os cuidados do tio João Francisco Coelho que pretendeu encaminhá-lo para outra carreira. Pouco depois, falecendo o seu protetor, sua mãe compreendeu que, com a diminuta pensão que lhe fora concedida, não tinha outra alternativa senão educar o filho no estabelecimento do Exército. Matriculado na Escola Militar em 1820, um ano depois é promovido a Tenente Engenheiro e, em 1823, ganha as divisas de Capitão. Jovem e esperançoso identifica-se com os ideais do seu tempo, que eram os de ver consolidada a Independência do Brasil.

Na vida militar Jeronimo Coelho tomou as primeiras lições de política. Quando em 1831 a crise de autoridade entre D. Pedro I e o Congresso atingiu o ápice, o jovem capitão formava no grupo nacionalista de Evaristo da Veiga. Frequentava a redação da "Aurora Fluminense" e ajudava fazer o jornal circular nos quartéis.

O Imperador, acusado de praticar o despotismo e favorecer os portugueses, não controlava os conflitos cada vez mais frequentes entre brasileiros e reinóis, foi levado a abdicar. A Regência nomeia o Capitão Jeronimo, membro da Comissão de sindicância para apurar quais os militares estrangeiros que, ainda pertenciam ao nosso Exército, sem aderir à Independência.

Impulsionado pelo sentimento nativista procura ser designado para servir na sua Província natal. A 12 de junho é indicado Capitão do 2º Corpo de Artilharia de Santa Catarina. Do que pretendia é reveladora sua bagagem. Ao desembarcar, no Desterro, entre os seus pertences estavam um pequeno prelo e material tipográfico. Esta primitiva impressora'



hoje é peça do Museu "Anita Garibaldi," de Laguna. Foi conseguido graças ao auxílio do seu conterraneo Manoel José de Souza França, então ocupante da Pasta da Justiça na Regencia Provisória e que, anteriormente, representava a Província do Rio de Janeiro na Assembléa Constituinte.

No dia 28 de julho de 1831 Jeronimo Coelho fez nascer a imprensa em Santa Catarina lançando "O CATARINENSE", que ele próprio compôs e imprimiu. No manifesto dado a público, no primeiro numero do jornal, afirmava que deixara a Côrte" para vir entre vos estabelecer uma tipografia; por esse modo eu vos abro o santuário da Imprensa; pelo seu intermédio vos podereis comunicar mutuamente vossos pensamentos e idéias, e desta arte as luzes se propagarão com rapidez e facilidade". Mais adiante formava posição com relação ao regime que se instalara no País: "Não trarei; por agora, qual há ou poderá vir a ser a melhor forma de Govêr - no que convem ao Brasil, pois me aguardo para dizer alguma coisa quando julgar conveniente; no entanto só direi que nos cum - pre executar as leis cegamente, e obedecer às autoridades legalmente constituídas enquanto estas caminharem pela trilha da lei e tenderem para o bem da Pátria". Terminava afirmando: "Eu me persoado que deste modo faço algum serviço aos seus patricios, não tento quanto desejo mas ao menos quanto posso".

No segundo numero de "O CATARINENSE" publicou os estatutos da "Sociedade Patriótica", germe do primeiro partido político da Província. No ano seguinte, ao da sua chegada, Jeronimo Coelho liderava a criação da loja maçônica "Concordia". Cumprida a finalidade "O Catarinense" desapareceu para dar lugar ao "EXPOSITOR", também, dirigido per Jeronimo Coelho no período de dezembro de 1832 a março de 1833.

Interessado no desenvolvimento da sua terra Jeronimo Coelho colaborou com a administração pública. Em março de 1834, o Presidente da Província Feliciano Nunes Pires solicitou ao Ministério da Guerra os serviços do Capitão, como engenheiro. Nesta função cuidou de obras urbanas, construção e reforma de prédios, pontes, estradas e medição de terras.

Com a criação da Assembléa Provincial, em 1835, Jeronimo Coelho foi eleito para a 1ª Legislatura, conduzido à 1ª Secretaria da Mesa e mais tarde seu Presidente. Em 1839 foi eleito vice-presidente da Província e, neste mesmo ano, eleito para a Assembléa Geral, tendo sido reeleito sucessivamente em 42 e 45.

Na monografia "Os Partidos Políticos de Santa Catarina" José Boiteux revela que para o pleito de 1839, aparecia como forte candidato o Ten-Cel. José da Silva Mafra, que em 1822 fizera parte da junta do Govêrno na Província. Reconhecendo a sólida instrução e o brilhante talento do fundador do "O Catarinense" o, venerando militar desistiu de sua candidatura. Seis anos depois, Jeronimo Coelho não esqueceria o gesto cavalheiresco e renunciaria sua candidatura ao Senado em favor de Silva Mafra.

No ano de 1844, já no posto de Tenente-Coronel, com a idade de 38 anos, foi chamado ao Conselho da Coroa como Ministro da Guerra e, interino, da Marinha, recebendo o título de Conse -

lheiro. Cabia-lhe a difícil missão de ajudar a pacificação da Província do Rio Grande do Sul. A "Guerra dos Farrapos" caminhava para o seu décimo ano. No comando das armas contra os republicanos estava o seu amigo e, contemporâneo da Escola Militar, Barão de Caxias, responsável pelo encaminhamento das negociações de paz. Na Corte coube ao titular da pasta da Guerra dialogar com os representantes "farroupilhas" e redigir, de próprio punho, as instruções de 18 de dezembro de 1844. O documento, contendo os termos para a suspensão da luta enviado ao Coronel Luiz Alves de Lima e Silva, era de um patriota consciente da bravura dos seus irmãos gauchos. Reconhecia o valor do inimigo propondo, anistia aos revoltosos; o pagamento das dívidas da República Piratini; e ingresso nas armas imperiais dos soldados revoltosos e indicação do presidente da Província pelos republicanos. Seu intuito era a união dos brasileiros.

Em maio de 1845, por injunções políticas deixou o Ministério. Nos interregnos da missão parlamentar servia ao Exército. Em setembro foi nomeado para chefiar a comissão de engenheiros que procedeu a medição das terras dotais da Princesa D. Francisca pelo seu casamento com o Príncipe de Joinville. Neste trabalho percorreu o norte catarinense apresentando a sua conclusão em julho do ano seguinte.

Quando em 1847, o valor de Vitor Meireles despontava para ser uma glória da pintura nacional, o Deputado Jeronino Coelho foi dos que ajudaram o seu ingresso na Academia Imperial de Belas Artes.

No ano de 1848, uma disputa, entre as figuras influentes da Capital catarinense, sobre qual o local mais próprio para se instalar o mercado público, fez surgir duas correntes que acabaram se constituindo em facções políticas. Os "judeus" reunindo os "Jeronistas" e os "cristãos", seus opositores. Os primeiros eram defendidos na imprensa por Marcelino Antonio Dutra, enquanto que o porta voz opositor era o P. Oliveira Paiva. Neste ano o Conselheiro não conseguiu sua reeleição para a Assembléia Geral. É derrotado pelo candidato adversário Joaquim Augusto do Livramento.

Desaprovado pelos conterrâneos o seu talento soube ser aproveitado por D. Pedro II que o nomeia Presidente da Província do Pará, cargo que exerceu até julho de 1850. Sobre esta gestão uma página da história paraense, datada de 1871 de autoria de Domingos Soares Ferreira Pena, registra o seguinte: "Se o nome do Conselheiro Jeronino Francisco Coelho, no Império recorda um grande cidadão como aqueles que a história aponta em suas páginas de ouro, no Pará, significa ele o administrador modelo em justiça, patriotismo e virtudes domésticas e sociais".

De volta ao Rio de Janeiro manteve-se, afastado das lides políticas, no exercício de várias comissões militares. Foi diretor da Fábrica de Pólvora. Promovido a Coronel em 1854 assumiu a Diretoria do Arsenal de Guerra. No ano seguinte foi promovido a Brigadeiro e dirigiu a Escola de Aplicação do Exército.

Em fevereiro de 1856 foi chamado para a Presidência e o Comando das Armas da Província do Rio Grande do Sul. Assumiu a 28 de abril. Sua administração caracteriza-se pela abertura de estradas de Porto Alegre em direção a vários centros do interior. Promove estudos visando uma ligação com Santa Catarina através de Laguna. Iniciou a construção de um teatro em Porto Alegre e resolveu o problema do abastecimento de água à Capital. Mandou proceder estudos para exploração e aproveitamento da bacia carbonífera de Arroio dos Ratos e Charqueadas.

A simpatia que por ele nutriam as figuras mais representativas da Província está expressa nos termos em que foi redigido o convite para um baile em sua homenagem, realizado a 22 de junho de 1856. Dizia: "Tendo o Exmo. General Jeronimo Francisco Coelho, na qualidade de Ministro da Guerra, tão poderosamente contribuído para a pacificação desta Província que por dez anos sofreu os estragos e os horrores da guerra civil, e sendo a pacificação tão de coração abraçada por todos os homens de ambos os partidos, que de um momento para o outro se viram, fraternalmente unidos, os habitantes desta cidade eternamente gratos a V. Excia. resolveram oferecer-lhe um baile que terá lugar na noite de 22 do corrente na casa Soiree Portoalegrense e os abaixo assinados comissionados para convidarem as pessoas que hajam de abrilhantar essa demonstração de gratidão". A lista de assinaturas é iniciada pelo Barão de Porto Alegre.

Dez anos após de vê-lo afastado do Parlamento e da sua terra Natal os catarinenses resolveram reconduzi-lo à Câmara. Eleito deputado por Santa Catarina em março de 1857 deixa o Governo do Rio Grande do Sul. De regresso ao Rio, visita Laguna, onde recebe grandes homenagens da população local.

De volta à Corte foi convidado para assumir pela segunda vez o Ministério da Guerra integrado o Gabinete do Marquês de Olinda, a partir de 4 de maio. Na Câmara o seu prestígio era o mesmo de uma década atrás. Seus discursos em defesa do Governo são vigorosos e a imprensa passa a denominá-lo de "A Espada Falante".

À frente da pasta do Exército procurou elevar os contingentes dos batalhões de fronteira. Vinha do Rio Grande do Sul e conhecia a ameaça que poderia surgir do outro lado do rio Uruguai; propôs o aumento efetivo de 18 mil para 24 mil homens e promoveu a regulamentação da Escola Militar criando um curso preparatório franqueado a todas as classes. Já doente, em 1858 viu-se obrigado a afastar-se do Ministério. Em fevereiro de 1859 licenciou-se para tratar-se fora do Rio. Procurou repouso na cidade fluminense de Nova Friburgo. Ali faleceu a 16 de janeiro de 1860. Morreu pobre como revelou o seu testamento, reproduzido na obra de Lucas Boiteux "Os Ministros da Marinha", deixando para os filhos e sua mãe, que ainda vivia, a pensão de Brigadeiro e vogal do Supremo Tribunal Militar, cargo para o qual nomeado poucos meses antes da morte.

Jerônimo Francisco Coelho foi casado com a d. Emilia Carolina da Costa Barros Coelho. Do casal nasceram tres filhos :

Jeronimo, Francisca e José. Este último seguia carreira do pai e alcançou o generalato.

Passados mais de cem anos de sua morte, na cidade onde findou os seus dias, seu túmulo já não mais é encontrado. Nome de projeção não tem merecido a mesma reverencia dedicada a outros vultos da sua época. Na terra catarinense as gerações tem-lhe destacado o valor. Em 1919 José Boiteux promoveu a ereção do busto do fundador da Imprensa catarinense, em Florianópolis .

A herna, esculpida, por Correia Lima e originalmente erguida na praça Pereira Oliveira, hoje está no jardim da praça XV de novembro. Uma rua central da Capital, leva seu nome. Em Porto Alegre, uma das principais arterias da cidade homenageia aquele que contribuiu para a unidade nacional e que governou aquela Província.

Em Laguna um Grupo Escolar leva o nome do Conselheiro. A Academia Catarinense de Letras tem como Patrono da cadeira 17 o fundador da nossa imprensa . (JM)

.....